

Jéssica Cristina Luz Menegatti*

Dissociação-valor:

ruptura com a mulher ontológica pela análise da mercadoria

Resumo: este artigo expõe a teoria da dissociação-valor formulada pela filósofa alemã Roswitha Scholz. Baseada na análise marxista da mercadoria e na teoria crítica de Adorno, Scholz explica a dominação sexual masculina pelo fetichismo da mercadoria. Expõe como a inferiorização feminina constituiu modelo essencial para a consolidação da forma valor: a divisão entre esferas pública e privada e a atribuição da realização do valor como responsabilidade masculina gera a dissociação feminina e uma diferenciação correspondente entre duas esferas psicossociais e culturais simbólicas, uma divisão, em último caso, entre superioridade e inferioridade. Pretendemos demonstrar que a união do fetichismo da mercadoria com a relação de dominação entre os sexos demonstra a clara necessidade de sua crítica conjunta como uma crítica das categorias ontológicas que mantém nossa consciência na ideia de uma realidade inquestionável.

Palavras-chave: Feminismo. Dissociação-valor. Roswitha Scholz. Crítica do valor. Ontologia.

Abstract: this article discusses the theory of value-dissociation, formulated by the German philosopher Roswitha Scholz. Based on Marx's commodity analysis and Adorno's critical theory, Scholz explains male sexual domination by commodity fetishism. It exposes how the female inferiority is an essential model for the consolidation of the value form: the division between public and private spheres and the attribution of the concretization of value as a male responsibility generates female dissociation and a corresponding differentiation between two psychosocial and symbolic cultural spheres, a division, in the last case, between superiority and inferiority. We intend to demonstrate that the union of commodity fetishism with the relation of domination between the sexes demonstrates the clear need for their joint critique as a critique of the ontological categories that keeps our consciousness in the idea of an unquestionable reality.

Keywords: Feminism. Value-dissociation. Roswitha Scholz. Critic of value. Ontology.

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), bolsista Capes. E-mail: jessicamenegatti@hotmail.com .

A chamada “Primavera Feminista”, tendência atual do Feminismo, em grande parte impulsionada pelas redes sociais, tem tornado rotineiro o debate acerca das desigualdades entre os sexos e as manifestações cotidianas da persistente dominação masculina na sociedade. Todavia, é observável, de certa forma, como as discussões têm se fixado em partes, em nuances da realidade, pouco se discutindo sobre uma totalidade teórica da problemática dos sexos, no sentido de apreensão do mecanismo que origina e fomenta a desigualdade. Propondo-me a sondar, num mesmo dia, a título de curiosidade, questões debatidas em páginas de movimentos feministas no Facebook, deparei-me com discussões inflamadas que versavam desde a exclusão das transexuais pelo feminismo radical, passando pela questão das mulheres indígenas, o boicote ao consumo de pornografia, a irresponsabilidade masculina com os serviços domésticos, até a peculiar questão sobre a estereotipação dos genitais femininos. De fato, é perceptível certa urgência na unificação de tais “bandeiras” pelo pensamento filosófico, sob pena de debandarmos ao caos da parte que consome o todo. O que gera a diferenciação cultural-simbólica entre os sexos num modelo de dominação masculina? O que ainda movimenta estas engrenagens dominadoras? Por que testemunhamos o feminicídio, os salários inferiores e, ao mesmo tempo, mulheres na presidência e no espaço sideral?

Roswitha Scholz, filósofa alemã, se comprometeu a responder a estas questões por intermédio do que denomina *teoria da dissociação-valor*. Scholz se filia à crítica do valor (pensamento marxista que coloca em foco a análise da mercadoria, descrita por Marx nos primeiros capítulos de “O Capital”) e também à Teoria Crítica de Adorno. Tanto Scholz quanto o filósofo Robert Kurz fizeram parte da Revista Krisis, da qual se desfilaram após sua cisão, justamente por divergências em relação à abordagem secundária que vinha sendo destinada à questão sexual, com a interpretação da forma-valor como sexualmente neutra. Scholz se afasta do marxismo tradicional, pois este para ela se restringe à análise do conteúdo do valor (o trabalho que produz mais-valia) e não à forma do valor, o que para ela é não só insuficiente, mas também porque o apego à questão classista representaria o pleito de uma justiça distributiva dentro do sistema produtor de mercadorias, o que não dissolveria as explorações e desigualdades que lhe são próprios.

Em que consiste a dissociação-valor? Um bom entendimento deste conceito pode se dar formulando-se a pergunta: “o que foi dissociado do valor?”, o que foi tomado como secundário para que a forma-valor se tornasse a grande forma de socialização universal? Em “O Capital”, Marx analisa a relação de troca de mercadorias na sociedade mercantil, decompondo-a em suas categorias de base:

valor de uso e valor de troca. Na relação social da mercadoria o que está em jogo é a mera diferença quantitativa entre bens diversos, que possuem *valores de troca* distintos. Na troca são abstraídas as características concretas do objeto, sua estrutura material que o faz útil à fruição humana, isto é, o que se denomina *valor de uso*, e passa a importar apenas sua diferença quantitativa. Um vestido e uma cadeira são valores de uso completamente diferentes, sua estrutura material e utilidade são totalmente distintas, mas, do ponto de vista do valor de troca, essas qualidades são abstraídas e só importa a quantidade, que dirá quantas cadeiras vale determinado vestido. O que quantifica o valor de troca dando a medida da comparabilidade é a quantidade de trabalho socialmente necessário à produção da mercadoria. Da mesma forma, do trabalho determinado que produz dada mercadoria (trabalho concreto) se abstraem as características peculiares que o qualificam: não é mais um alfaiate determinado ou um certo carpinteiro, mas a expressão geral do trabalho que faz valor, denominando-se assim “trabalho abstrato”. O dinheiro é a “figura acabada” da forma-valor, sendo o modelo máximo da abstração que possibilita a comparabilidade de qualquer mercadoria nas trocas; na “fórmula geral do capital” o dinheiro produz mercadorias e converte-se em mais dinheiro (D – M – D), num movimento incessante de autovalorização.

O que Scholz pretende demonstrar é que esta forma-valor não é sexualmente neutra, isto é, a análise histórica de sua evolução e conseqüente *consolidação do fetiche da mercadoria* demonstra que para que isto se desse algo precisou ser dissociado, deixado de lado, tomado como secundário e oculto sob sua sombra: a *esfera da reprodução* foi atrelada ao feminino, o cuidado dos filhos, idosos, doentes, a administração do lar, a sensualidade, “o amor”, sendo nesta esfera depositados valores tomados como “de menor importância” e projetados na mulher caracteres negativos como a ignorância, a inaptidão para o pensamento racional, a incapacidade para grandes abstrações. Por outro lado, a esfera da produção, representada pela forma-valor e suas categorias como “valor de troca” e “trabalho abstrato”, foi aderida ao universo masculino, com a sua respectiva identificação à força de caráter e racionalidade:

O “valor é o homem”, **não o homem como ser biológico**, mas o homem como depositário histórico da objetivação valorativa. Foram quase exclusivamente os homens que se comportaram como autores e executores da socialização pelo valor. Eles puseram em movimento, embora sem o saber, mecanismos fetichistas que começaram a levar vida própria, cada vez mais

independente, por trás de suas costas (e obviamente por trás das costas das mulheres). Como nesse processo **a mulher foi posta como o antípoda objetivo do "trabalhador" abstrato — antípoda obrigado a lhe dar sustentação feminina, em posição oculta ou inferior —**, a constituição valorativa do fetiche já é sexualmente assimétrica em sua própria base e assim permanecerá até cair por terra.¹

O homem, sendo o protagonista da socialização pelo valor, assumiu a significação simbólica exigida pela consolidação desta forma: a racionalidade instrumental, a força de caráter, a virilidade como dominação e autodomínio, em suma a cultura; por outro lado a mulher passa a representar tudo o que não se encaixa nesta lógica, todos os valores opostos supostamente inferiores, e, de forma mediata, a natureza.

O que Scholz explica é que a forma-valor *juntamente* com a dissociação são essencialmente constitutivas da sociedade da mercadoria, embora se relacionem numa peculiar relação dialética de superioridade e inferioridade:

O dissociado não é nenhum simples "sub-sistema" desta forma (como por exemplo o comércio externo, o sistema jurídico ou até a política), *mas é essencial e constitutivo da relação social total*. Quer dizer que **não há nenhuma "relação de derivação" lógica imanente entre o valor e a dissociação**. A dissociação é o valor e o valor é a dissociação. Cada um está contido no outro, sem ser idêntico a ele. Trata-se de ambos os momentos centrais essenciais da mesma relação social em si contraditória e fragmentária, que devem ser compreendidos ao mesmo alto nível de abstração.²

É interessante que se faça uma diferenciação: a posição de secundariedade atribuída à mulher na sociedade (muitas vezes tomada como decorrente de uma inferioridade inata), não quer dizer que a *dissociação pelo valor* seja um movimento secundário, justamente por esta ser, conjuntamente com a forma-valor, constitutiva da relação social que é a mercadoria:

¹ SCHOLZ, 1996, p. 33 – grifos meus.

² SCHOLZ, 2000, grifos meus em negrito.

a dissociação do feminino não é, de modo algum, coincidente com o "não idêntico" em Adorno; em vez disso, esta dissociação representa o *reverso sombrio* (*sombrio para a consciência androcêntrica e universalista*) do próprio valor. Com isso, porém, a dissociação como PRINCÍPIO ESTRUTURAL GERAL constitui uma condição prévia para que o que é próprio do mundo da vida, o contingente, o não analítico, e mesmo o que não pode ser conceptualmente compreendido tivesse sido negligenciado, tendo permanecido, na modernidade, em grande medida à sombra, face às áreas de domínio masculino da ciência, da economia e da política³

Desta forma, para Scholz, não sendo a dissociação secundária, constitui *princípio estrutural geral*; Adorno, ao definir o não idêntico, o demonstrou como aquele vazio que cabia à Filosofia dar sentido: em termos lacanianos, o Real que deveria por ela ser transformado em Simbólico: "A filosofia pode, se for possível, ser definida como um esforço para dizer alguma coisa, de que não conseguimos falar; ajudar o não-idêntico a encontrar a sua expressão, enquanto esta expressão, no entanto, sempre o identifica."⁴ Ao afirmar que a dissociação não equivale ao não idêntico, o que Scholz quer explicitar é que ela não é aquilo que prescinde de conteúdo, não se trata de um vazio, já que ela estrutura constitutivamente a realidade justamente pela sua identificação como o reverso exato da forma-valor, sendo os dois opostos "por um lado autónomos e reciprocamente independentes e por outro lado, ao mesmo tempo, condicionam-se reciprocamente"⁵. O dissociado feminino faz parte da socialização pelo valor contraditoriamente como o que é afastado por ser inferior, sendo "o Outro da forma da mercadoria como o que está à parte; por outro lado, porém, permanece dependente e menosprezado, precisamente porque se trata de um momento dissociado no contexto de toda a produção social"⁶. Esta passagem é imprescindível no entendimento da sua teoria: há um protagonista homem (forma-valor) e uma coadjuvante mulher (dissociação), sem a relação dialética que se trava entre estes atores não se produz o grande filme que é a socialização fetichista pela mercadoria, isto é, sem o papel reduzido do coadjuvante não reluz a primordialidade do ator principal.

³ SCHOLZ, 2004.

⁴ ADORNO, 1996, SCHIPPLING, 2004, p. 131

⁵ SCHOLZ, 2000.

⁶ Ibid.

A relação de identidade e diferença nesta dialética, afastando-se da concepção adorniana do “não idêntico”, se aproxima da seguinte descrição efetuada por Foucault: “A identidade e aquilo que a marca se definem pelo resíduo das diferenças. Um animal (...) não é aquilo que é indicado – ou traído – pelo estigma que se descobre impresso nele, é aquilo que os outros não são; só existe em si mesmo no limite daquilo que dele se distingue”⁷. Ou seja, a forma-valor é a *não-dissociação*, o dominador é o não-dominado, mas a identificação mútua destas partes não idênticas compõe conjuntamente uma totalidade que é a efetividade da mercadoria como forma de socialização, não só em sua efetivação material, econômica, mas como criadora de um sistema cultural-simbólico e uma dimensão psicossocial que faz face a este sistema.

Creio ser produtivo invocar a definição de Hegel sobre estes caracteres simbólicos atribuídos aos sexos, o que ele chamou de *significações éticas*, em que de um substrato natural erige-se um conceito cultural, que acaba por fazer com que a concretude dos atributos individuais se perca neste destacamento:

os dois sexos ultrapassam sua essência natural e entram em cena em sua significação ética, como diversidades que dividem entre si as diferenças que a substância ética se confere (...) uma imediatez, portanto, que se manifesta ao mesmo tempo como o ser-aí de uma diferença natural (...) Perde esse momento a indeterminidade que ainda possuía ali, e também a diversidade contingente das disposições e capacidades.⁸

É interessante como o conceito de significação ética permite um entendimento do que houve na dissociação-valor que constitui o fetiche da mercadoria: sob a realidade biológica dos corpos se constroem caracteres ontológicos que ganham vida própria, a abstração “cultural” prevalece sobre a concretude contingente. E este movimento sobre os sujeitos é simultâneo ao processo que se realiza sobre as coisas e o trabalho: a abstração que representa o valor de troca e o trabalho abstrato prevalece sobre a concretude do valor de uso e do trabalho concreto. Secundarizam-se os suportes naturais e prevalecem soberanas as abstrações construídas sobre elas.

E estas abstrações que constituem os sexos e o valor, no ganho de vida própria fetichista, escondem o protagonismo dos sujeitos que as criam: os sujeitos

⁷ FOUCAULT, 1996, p. 200.

⁸ HEGEL, 2011, p. 317

“não sabem disso, mas o fazem”⁹. O material abstrato gerado pela forma-valor e pela dissociação se apresenta como coisa dada, sempre existente, em movimento autônomo que oculta a sua criação *pelos sujeitos*, assim como que a sua efetivação teve que se dar *sobre sujeitos*.

Na tentativa de conceituar a evolução deste patriarcado que “no sentido de uma determinação patriarcal das relações sociais por meio do trabalho abstrato e do valor é típico apenas da sociedade ocidental”¹⁰, Roswitha faz uma interessante análise da evolução histórica da forma-valor e da dissociação, à medida que se deu a cisão entre esfera pública e privada. Sobre esta descrição história transmitirei alguns breves contornos.

Nas sociedades agrárias, em que ainda não havia esta divisão entre esferas, a mulher gozava de certa autonomia e o patriarcado com “papel universalmente determinante”¹¹ ainda não se impunha às mulheres de modo engessador; já na Grécia, com a intensificação das trocas e a cunhagem da moeda na Lídia, consolida-se a esfera pública na polis, com uma conseqüente intensificação da matematização e do pensamento abstrato. Já começaria a ser projetada na esfera privada a figura do feminino e as suas características metafísicas de incapacidade e fluidez, que não se coadunavam com o público: “Para Platão, por exemplo, a matéria é algo amorfo e dificilmente apreensível pelo pensamento, sendo definida (com gênero *feminino*) como a ‘hospedeira e ama das idéias’”¹². Hegel, no terceiro volume de seu Curso de Estética, faz uma interessante observação para compreender estas abstrações “éticas” que os gregos faziam de forte x fraco sobre a materialidade dos corpos, ao descrever a interpretação de Heródoto sobre as inscrições nas colunas construídas por Sesóstris. Heródoto acreditaria que nas colunas (símbolos fálicos) onde haveria a inscrição do nome de Sesóstris, a vitória frente ao povo conquistado teria sido árdua, frente à força e resistência dos vencidos; já a adição de seu nome em conjunto com o desenho de um genital feminino representaria uma vitória fácil ante a fraqueza do inimigo. Para Hegel, esta interpretação teria sido explicada: “inteiramente no sentido grego, na medida em que ele transforma o significado natural em um significado que diz respeito ao ético”¹³.

A derrocada da sociedade grega e do ciclo de trocas trouxe um afrouxamento desta rigidez na dominação justamente pela dissolução da esfera pública; nas tribos germânicas atribuía-se à mulher uma ligação com a natureza que lhe dava certo status

⁹ MARX, 2013, p. 149.

¹⁰ SCHOLZ, 1996, p. 17

¹¹ SCHOLZ, 2000.

¹² SCHOLZ, 1996, p.20.

¹³ HEGEL, 2002, p. 45/46.

de importância mística; na Alta Idade Média, também ausente a esfera propriamente pública, a mulher tinha relevância como administradora do lar, suas decisões eram levadas em conta e prevalecia a concepção de mulher ligada à natureza na figura de uma “bruxa boa”, que era sábia e curandeira. No século XII, mesmo com a imagem católica da figura de Eva, a pecadora, tal símbolo não prevaleceu nas massas camponesas, que ostentavam resquícios culturais germânicos, o que não logrou retirar a autonomia feminina. Mas foi com o Renascimento, justamente quando “renascer” as trocas mercantis, com as navegações e a volta da esfera pública e do fôlego do valor, que se acirra a dissociação feminina. Este movimento de consolidação do âmbito público se projetou na criação progressiva de um pensamento científico humanista repleto de abstrações que propunham o rompimento com a natureza em nome da razão. Esta diferenciação da natureza em nome da cultura se projetou nos sujeitos como mulher/inferior/natureza x homem/superior/cultura:

a imagem de um mundo mágico e místico foi substituída pelas ciências experimentais e objetivas. (...) Além de a posição da mulher agravar-se com o impulso renovado da sociedade do valor, foi instaurada literalmente uma campanha de aniquilação contra o "feminino", sob a égide da caça às bruxas — campanha esta responsável por abrir caminho a um processo que avançaria futuro adentro¹⁴

Este projeto de racionalização e caça às bruxas subvencionado pela forma-mercadoria, que retornava com toda intensidade, denuncia o quanto este processo de evolução da forma-valor necessita da dissociação para se firmar. O progresso da produção social depende do afastamento da esfera da reprodução, o avanço da cultura do desligamento da natureza, o homem que executa esta tarefa precisava ser visto como superior à mulher, que não se encaixa no processo de modernização da vida.

O Iluminismo, época de consolidação da forma-mercadoria, intensifica em definitivo as ideias que diminuía a mulher. O “Esclarecimento” precisou romper com o passado, considerado inferior, e consolidar uma visão universalista androcêntrica pela criação de ontologias que explicassem um mundo superior diferenciado de um aculturado, “bárbaro”. Categorias ontológicas como o Estado, a Nação, o Direito, e também os papéis sexuais, em que a mulher é explicada de uma vez por todas como representante da inferioridade e do doméstico, consolidam a visão de um mundo como

¹⁴ SCHOLZ, 2000.

“dado”, e não fruto de processo histórico¹⁵. Curiosamente, a intensificação da forma-mercadoria e da necessidade de ampliação do capital, depositada no homem como representante do trabalho abstrato e da racionalidade instrumental, provoca seu “sufocamento” dentro desta realidade: o homem agora precisa contar com o refúgio no lar e na mulher, o “descanso do guerreiro”:

Na medida em que à mulher se imputavam novas qualidades, como passividade e emotividade (se bem que agora restritas ao círculo familiar burguês) e ao homem, por sua vez, a ação e a racionalidade no espaço público da incipiente sociedade industrial, ocorreu uma "polarização de caráter entre os sexos". A mulher e a família deviam converter-se em polos de oposição ao mundo externo cada vez mais dominado pela racionalidade instrumental. Cabia à mulher não apenas ser uma dona-de-casa exemplar, mas também tornar agradável a vida do marido com sua assistência, seus cuidados e seu interesse.¹⁶

Hegel, testemunha das transformações desta época, na citada descrição do fenômeno da diferenciação sexual como significação ética, denomina a esfera privada, a família, de *lei divina*, onde a mulher permanece restrita; o destacamento do homem deste seio familiar se dá rumo ao que ele chama de *lei humana*, a esfera pública onde exercerá todas as suas potencialidades. Ou seja, o divino como sinônimo do natural, onde a mulher permanece, e o humano como representação do cultural, onde o homem é o criador da socialização mercantil.

Este projeto de domesticação da mulher atingiu seu auge no século XIX, quando a mulher perdeu autonomia; tal época foi produtora das “históricas”, substrato de pesquisa de Freud, que se propôs a ouvir e entender as mazelas de mulheres impotentes frente à negação de qualquer tipo de participação social.

O século XX e as progressivas conquistas dos movimentos feministas geraram uma gradual introdução da mulher na vida pública, avanço visível no presente século. A continuidade da forma-mercadoria e sua capacidade de dinamismo e adaptação fornece resposta à persistência da dominação, embora com contornos diferenciados, Scholz destaca a mulher do presente como “duplamente socializada” (expressão que empresta de Regina Becker-Schmidt): embora a mulher se insira no público, não se libertou da responsabilidade pela reprodução, pelo privado, pelo cuidado e atribuições

¹⁵ KURZ, 2007, p.155/159.

¹⁶ SCHOLZ, 2000.

domésticas. E mesmo dentro do espaço público permanece a dissociação em forma de desigualdade de tratamento entre os sexos dentro desta esfera, o que se exemplifica pelos salários inferiores e baixo potencial de acesso a cargos superiores. A mulher lutou e conquistou o ingresso para participar da “festa da forma-valor”, todavia, não se despreendeu nem da dissociação nem da esfera da reprodução a ela imputada, continuando de certa forma à margem da socialização.

Alguns pontos merecem destaque na construção teórica de Scholz. Voltando-se à questão atual sobre a fragmentação de pautas que parecem não “conversar”, a pretensão totalizante da teoria da dissociação parece fundamental como forma de conciliá-las. Scholz é uma crítica ferrenha da tendência dos anos 90 do construtivismo e desconstrutivismo (Judith Butler), assim como do movimento pós-operário, que persiste na narrativa classista. Para Scholz, tais tendências acabam por jogar pelas regras do capitalismo, já que não questionam a dissociação como princípio que, embora geral e total, justamente por denunciar a caracterização universalista androcêntrica do sujeito protagonista e por descrever um movimento de contradição que culmina na lógica dominador x dominado, pode englobar plenamente a questão racial, de classes e *queer*.

o contexto da dissociação-valor não deve ser entendido como mero conceito sociologicamente limitado, no sentido da estrita relação de gênero, mas sim como um **contexto global já sempre abrangente e determinando o todo social**, que simultaneamente, sendo em si quebrado, não pode ser outra vez uma nova contradição principal no sentido anterior; à semelhança, por exemplo, da correspondente conceptualidade do marxismo do movimento operário(...)trata-se antes de mais de tematizar novamente a dissociação-valor como **princípio social fundamental**; e bem que para lá de qualquer instrumentalização do geral por um entendimento redutor a favor dos interesses de classe média branca no feminismo, uma vez que a teoria não mais androcentricamente afirmativa do todo em si quebrado tem de dar seguimento ao diferente e ao separado dela já a partir de si mesma. Só assim, aliás, pode ela existir na sua maneira paradoxal. Mas ela é COMO TAL

impreterível na determinação do **PRINCÍPIO FUNDAMENTAL negativo e abrangente**.¹⁷

Para Scholz, a (des)construção dos conceitos de sexo e gênero acaba por inserir-se na ideia de um individualismo forçado tipicamente neoliberal e que denuncia o apego a categorias formais. Já em relação aos movimentos operário e pós-operário, a suposta ausência de atenção à forma-mercadoria lhes faria pleitear uma inserção na lógica do trabalho abstrato como categoria ontológica, sem que os problemas dela decorrentes fossem superados.

Com isso, penso que a grande mensagem de Roswitha a este respeito é que “não coloquemos a carroça na frente dos bois”, não no sentido de que a interseccionalidade não seja importante, mas sim que sua assimilação depende do entendimento da teoria da dissociação-valor como constitutiva de uma realidade em que a necessidade de consolidação do capital institui um “sujeito” ideal dominador em detrimento do dissociado. Essa lógica geral é hábil a interpretar o “não-sujeito” isolado por critérios de raça, classe ou pela inadequação de gênero. Entender a *ratio* oculta no que nos oprime no cotidiano é imperativo e muito mais eficaz do que girar em círculos meramente descritivos desta realidade. Outro ponto relevante levantado por Scholz é que a prioridade do movimento feminista na discussão da parte em detrimento do todo corroboraria o clichê da mulher incapaz de grandes abstrações, restrita à habilidade para “pequenos detalhes”, com isso jogando-se o jogo do falso ideal aderido à mulher:

a teoria feminista no entanto desemboca sobretudo em meras descrições de diferencialidades, relacionalidades, “localidades” etc. e permanece obviamente de todo incapaz de apreender a própria relação hierárquica de gênero *in abstracto*. Se já Rousseau no capítulo significativamente curto sobre Sofia do *Émile* escreveu “A dignidade dela (ou seja, da mulher – R.S.) está em ser ignorada” (Rousseau, 1986, p. 819), uma frase que não por acaso constitui o mote do meu texto, essa “dignidade” parece ter de traduzir-se na renúncia a apreender O CONCEITO FUNDAMENTAL da relação assimétrica de gênero.¹⁸

¹⁷ SCHOLZ, 2011, p.10 – grifos meus.

¹⁸ *ibid.*, p.05.

Roswitha talvez se enfurecesse pelo trocadilho com o marxismo tradicional que farei, mas seus apelos soam de modo acertado: “militantes de todo o mundo, uni-vos na totalidade do princípio de seu domínio”. Scholz clama pelo entendimento total das bases da dominação.

Outro ponto fundamental a ser destacado em sua formulação teórica: o combate a qualquer ideal que alçaria a mulher à representação do indivíduo perfeito, a mãe que suporta tudo, o festejamento da dupla socialização e até mesmo certas ideias que retornam em tempos de crise como “a mulher pode nos salvar com sua feminilidade, com os poderes de quem sabe gerir um lar”. Igualmente, Scholz nos previne contra a adesão à ideia do homem como aquele que se posta “ao lado da mulher constantemente de chicote em punho, para fazer valer sua vontade”¹⁹. A relação de dominação não pode ser tomada como uma espécie de plano executado por uma confraria masculina com planos megalomaniacos de dominação. Contra esta personificação, Scholz se utiliza da teoria de Robert Kurz de que *a dominação é sem sujeito*: ambos os sexos obedecem a estruturas simbólicas geradas pelo fetiche da mercadoria, o que não quer dizer que não haja voluntariedade, como a metáfora de Ernst Lohoff (a quem Kurz critica) de que os indivíduos atuam como “marionetes”, o que reduziria qualquer elemento volitivo e classificaria o fetiche como condicionamento, e não uma determinação/inclinação. Como disse Kurz “a dominação de modo nenhum é um simples automatismo; por isso também a responsabilidade dos portadores da dominação foi tematizada como ‘funcionários’ e não como ‘robots’”²⁰. O oposto também é combatido: a concepção operarista ou pós-operarista de uma tensão entre classes absolutamente voluntária, ou seja, a vontade deliberada da burguesia em explorar o pobre trabalhador operário, o que para Kurz passa longe da crítica do fetiche da mercadoria.

No período que Scholz descreve como a fase de pós-modernidade/globalização, na época da edição de seu livro “O sexo do capitalismo”, em 2000, orbitavam as posições feministas entre a ideia de que nada teria mudado ou de que o patriarcado teria chegado ao fim. Neste livro, Scholz descreve o momento então presente como o de um “asselvajamento do patriarcado”, o que Robert Kurz caracteriza como estritamente decorrente de uma *crise ontológica*.

O atual momento em que vivemos torna visível esta crise: o movimento que realiza o capital, com a sua financeirização e consequente crise do trabalho abstrato (que Scholz aponta como a própria crise da identidade masculina), produz, como seu desdobramento, movimentos nacionalistas, tendências conservadoras e episódios

¹⁹ SCHOLZ, 1996, p.03.

²⁰ KURZ, 2012.

violentos como o feminicídio e açoitamento de homossexuais. Simultaneamente, como força de reação, movimentos sociais que buscam a desconstrução *ad infinitum* e o apego ao identitário, além de uma esquerda fragmentada; também o mundo virtual põe de ponta cabeça os valores tradicionais, muda as formas de relação e o mundo globalizado parece não poder mais ser explicado pelas categorias ontológicas consagradas pelo Iluminismo.

Todo o exposto sobre a teoria da dissociação-valor mostra que a ascensão da forma-valor precisou ser acompanhada do rebaixamento do que com ela não se harmonizava e que ficaria “sob seu tapete”. Todavia, a mercadoria e suas categorias não são objetos que se erigiram como se tivessem vida própria, sua consagração progressiva precisou se dar por sujeitos, mas não por quaisquer sujeitos, mas sim por um protagonista homem e por uma coadjuvante dissociada, a mulher. Para que a consolidação da socialização pela mercadoria lograsse êxito, o instrumento necessário foi a progressiva evolução da significação ética como ontologia dos sexos que adere aos indivíduos, abstraindo-se a concretude das individualidades. Questionar tais significações éticas é questionar o fetiche da mercadoria, não só pela sua constituição simultânea e dialética, mas porque ambos constituem abstrações que ganham vida independente e são tomadas pela humanidade como algo “sempre existente”, isto é, ontologias e não produto histórico. Este sentido de ruptura ontológica é o objetivo da teoria da dissociação-valor:

Ora o objetivo da teoria da dissociação-valor é precisamente esta superação radical, isto é, a suplantação real da masculinidade e da feminilidade sociais, tal como elas se apresentam na modernidade e mesmo ainda na pós-modernidade do patriarcado, e com isso a abolição do trabalho abstrato, do “trabalho doméstico”, da família, da “dupla socialização” das mulheres e das correspondentes concepções sexuais, juntamente com a respectiva constituição psicossocial.²¹

Como explica Kurz, o movimento histórico que marca o diferenciar-se do homem da natureza constitui o devir do ser social, ele não sabe quem é e por isso precisa determinar-se:

²¹ SCHOLZ, 2000.

o homem não se criou diretamente como sujeito social nem foi criado por um deus-sujeito, mas pôde *surgir* apenas sem sujeito como animal liberto. Ele surge como sujeito em face da primeira natureza, mas necessariamente não sabe quem é; só sabe e tem consciência do que se tornou, isto é, um ser ou organismo de segunda ordem (...) ‘Surgem’ portanto sistemas de segunda ordem sem sujeito, *sistema simbólicos* (códigos) do ser humano surgido e a surgir.²²

E é esta precisamente a descrição da constituição do fetiche, pois na necessidade de diferenciar-se da natureza e colocar-se no mundo como diferente, o homem cria inconscientemente sistemas simbólicos que ganham autonomia irrefletida e não são entendidos como produto do sujeito. Os seres posteriormente “surgidos” tomam sempre as coisas como dadas, ingressam nesta ordem simbólica de ontologias de origem inquestionável, inserindo-se numa espécie de *gap* histórico generalizado.

Há uma passagem da *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, que pode ser vinculada à ideia de superação do fetiche:

A consciência, ao abrir o caminho rumo à sua verdadeira existência, vai atingir um ponto onde se despojará de sua aparência: a de estar presa a algo estranho, que é só para ela, e que é como um outro. Aqui a aparência se torna igual à essência, de modo que sua exposição coincide exatamente com esse ponto da ciência autêntica do espírito. E, finalmente, ao apreender sua verdadeira essência, a consciência mesma designará a natureza do próprio saber absoluto²³

Desconsiderando-se neste momento as divergências teóricas de Scholz e Kurz acerca da dialética hegeliana, ainda assim creio ser válido o aporte de Hegel no sentido de que o saber absoluto é o momento de libertação da consciência de qualquer forma aprisionadora de fetiche, que aparece como a prisão a algo estranho, externo, a aparência de estarmos vinculados a conceitos abstratos que não coincidem com a essência das coisas concretas e não são tomados como criações humanas. E nesta enfim coincidência da essência com a aparência, o saber absoluto também é momento de reconhecimento do poder de criação da realidade pelos sujeitos. A

²² KURZ, 1993.

²³ HEGEL, 1988, p. 73.

quebra da lógica de uma vida que deve se movimentar para sustentar o processo de crescimento do capital, sendo substituída pela satisfação das necessidades e desenvolvimento das potencialidades humanas representa também, de modo simultâneo, considerando-se a teoria da dissociação-valor, o declínio da ontologia sexual aprisionadora.

Descreve Kurz que a queda de uma categoria ontológica representa o desmoronamento das demais que dela dependem²⁴, a queda do capital como forma de socialização representa a queda da necessidade de uma unidade abstrata dominadora. E neste momento de asselvajamento generalizado não só do patriarcado, mas de todos os aspectos da vida contemporânea, que através de reflexão e entendimento da evolução histórica possamos derrubar todas as ontologias como em um grande efeito dominó.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. Negative Dialektik. in Adorno. T. W.: *Gesammelte Schriften*. vol. 6 (5.ª ed.) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996. apud SCHIPPLING, Anne. *O "Não-Idêntico" na ideia de razão de Theodor W. Adorno e a resultante possibilidade de uma filosofia fecunda para a pós-modernidade*. Revista Filosófica de Coimbra nº25. Disponível em < http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/o_nao_identico_na_ideia_de_razao > Acesso em 21. mai.2017.
- FOCAULT, Michael. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética*, Volume III. Tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2002.
- _____. *Fenomenologia do espírito*. Tradução: Paulo Meneses. 2ª edição. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 1988.
- KURZ, Robert. *Crise e crítica: o limite interno do capital e as fases do definhamento do marxismo*, 2012. Disponível em < <http://www.obeco-online.org/rkurz409.htm> >
- _____. *Dominação Sem Sujeito: Sobre A Superação De Uma Crítica Social Redutora*. 1993. Disponível em < <http://www.obeco-online.org/rkurz86.htm> > Acesso em 20. out. 2016.

²⁴ KURZ, 2007, p.154.

- _____.; CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (Org.). *Um crítico na periferia do capitalismo*. Reflexões sobre a obra de Robert Schwarz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Editora Boitempo, 2013, p. 149.
- SCHOLZ, Roswitha. *A nova crítica social e o problema das diferenças: Disparidades econômicas, racismo e individualização pós-moderna*. Algumas teses sobre o valor-dissociação na era da globalização. Revista EXIT! Krise und Kritik der Warengesellschaft, 1/2004. Disponível em < <http://obeco.planetaclix.pt/roswitha-scholz3.htm>> Acesso em 01. mai.2017.
- _____. *O sexo do capitalismo: Teorias Feministas e Metamorfose Pós-Moderna do Patriarcado*. [Excertos] Disponível em < http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz6.htm >
- _____. *O valor é homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos*, Revista Krisis, 1996.
- _____. *O Tabu Da Abstracção No Feminismo*, 2011. Disponível em <http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz15.htm>. Acesso em 20 out. 2016.